

Recebido em: 09-11-2023

Aceito em: 03-01-2024

A dimensão subjetiva das fontes de informação na Moda Afro: fatores determinantes nos processos criativos do Afro Fashion Day – Salvador/Bahia

Éverton Luís dos Santos Pereira¹

Bruna Lessa²

Resumo: Este artigo discute as categorizações de fontes de informação e sua relação com a negritude e a Moda., a criatividade e dualidade do trabalho intelectual e manual, considerando a noção de fontes de informação subjetivas utilizadas pelos criadores de de Moda Afro. Abordamos assim, as fontes de informação que influenciaram os processos criativos dos estilistas de moda que participaram das últimas três edições do Afro *Fashion Day*, em Salvador-Bahia (2019-2021). Nossa pesquisa se desenvolveu com abordagem qualitativa, a partir de estudos de caso. Na qual a coleta dos dados foram realizadas por meio da observação direta e análise de conteúdo a partir de entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicaram que as fontes de informação usadas nos processos criativos na Moda Afro possuem diversas origens ligadas às cosmovisões africanas, já que consideram sagrados elementos materiais, o corpo, os tecidos e os aviamentos, o que justifica nesta pesquisa o predomínio de fontes de informação subjetivas em comparação com fontes de informação bibliográficas. Conclui-se, portanto, que essas fontes estão ligadas à sensorialidade dos criadores, que constantemente interagem com esses materiais por meio do fazer manual/mental. Dessa forma, foi possível perceber a conexão entre as fontes de informação subjetivas e a materialidade dos corpos negros.

Palavras-chave: Fontes de Informação; Moda; Cultura Afro-Brasileira; Processo Criativo

1 INTRODUÇÃO

A sociedade é convencida a, continuamente, produzir informação nos diferentes espaços sociais de comunicação, seja em domínios institucionalizados ou, ainda, em meios informais substanciados pela tecnologia como, por exemplo, os *sites* de redes sociais, e isso se deve ao fato de que a informação estabelece um papel de grande importância em nossas vidas.

No contexto da Biblioteconomia, por exemplo, os estudos sobre fontes de informação, em sua maioria, envolvem a comunicação científica e suas relações com registros do conhecimento

¹ Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4517-5675>.

² Doutora e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia. Graduada em Biblioteconomia e Documentação também pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Educação à Distância (Fundação Visconde de Cairu/Bahia). Especialização em Humanidades Digitais (Universidade de Ciências Empresariais e Sociais - Buenos Aires/AR). Professora Adjunta do Departamento de Documentação e Informação, do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia. Chefe do Departamento de Documentação e Informação - DDI/ICI-UFBA. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Líder do Laboratório de estudos em representação do conhecimento, competências e comportamento em informação, e recuperação da informação em meio digital - Lab-RecrIE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4485-203X>. Contato: lessbruna@gmail.com.

disseminados em bibliotecas. De fato, estes estudos são relevantes para a construção da área. Entretanto, é indispensável a discussão também sobre as fontes de informação que mobilizam o trabalho de profissionais além do campo científico, especialmente aqueles das áreas criativas – em destaque a Moda, campo de análise deste trabalho – pela cobrança de novidades a todo tempo, o que as caracteriza como áreas de diversa produção informacional.

Nesta pesquisa, as narrativas dos criadores de Moda³ negros que participaram das três últimas edições (2019-2021) do *Afro Fashion Day* (AFD), em Salvador-Bahia, são destacadas como fontes de informação. Tais elementos, além das categorizações presentes na literatura científica da Biblioteconomia, incluem representações simbólicas do "eu" e do "outro", a exemplo da afetividade e da memória, que não são tradicionalmente evidenciadas quando se pensa no que motiva o comportamento informacional na escolha de fontes de informação para suprir as necessidades dos sujeitos. Justifica-se, portanto, pelo entendimento de que criadores negros de roupas e acessórios estão envolvidos continuamente em interações cotidianas repletas de fontes de informação – das mais tradicionais às menos óbvias – em prol de uma linguagem identitária, neste caso, a Moda.

Assim, este estudo traz à discussão as categorizações de fontes de informação mais utilizadas na literatura científica, e suas aproximações com o fenômeno da pesquisa analisado, a negritude e a Moda, abordando-se a noção de criatividade, e a problematização na dualidade do trabalho intelectual e trabalho manual, chegando-se a ideia do que se pode considerar como fontes de informação subjetivas. Apresenta como elemento empírico, para validação das argumentações expostas, a caracterização dos fatores determinantes nos processos criativos desses criadores, a partir das relações entre o vocabulário controlado de tipologias de fonte de informação na literatura científica e, o vocabulário de fatores determinantes nos processos criativos, com base nas falas dos criadores de moda afro e a observação direta dos produtos vestíveis publicizados no evento o *Afro Fashion Day*.

Destaca-se que, neste artigo, a busca por fontes de informação como uma necessidade derivada (Le Coadic, 2004) dos processos criativos, cujo objetivo direto é a materialização de roupas e adereços que comunicam o conceito pensado e concretizado pelos criadores que

³ Para Godart (2010), o termo “criador de Moda” é mais abrangente porque não restringe o trabalho dos profissionais de *design* de Moda à mera tradução de tendências sociais em roupas, considerando, ainda, como criadoras outras categorias profissionais relacionadas à Moda, tais como costureiras e alfaiates. Nesse sentido, convencionou-se utilizar neste trabalho o presente termo, exceto quando a pessoa entrevistada identifica-se profissionalmente de modo diferente.

participam do AFD e suas equipes a ponto de, ao final dos processos, roupas e adereços se tornarem também fontes de informação.

Para além do debate, em especial no campo da Biblioteconomia e da Moda, espera-se potencializar com este estudo, a compreensão de que produtos informativos, sejam eles oriundos de fontes de informação subjetivas ou não, configuram-se como uma ação política, uma representação simbólica da identidade cultural de um povo, e ato de resistência a modelos pré-estabelecidos nos comportamentos cotidianos que contemplam o estilo de vida e a localização da pessoa humana no mundo.

2 FONTES DE INFORMAÇÃO PARA ALÉM DA HEGEMONIA DA PALAVRA ESCRITA

A informação circula por todas as áreas do conhecimento, uma vez que é a base das pesquisas científicas e das práticas sociais, o que a torna decisiva em várias esferas da sociedade (ciência, economia, política, etc). Nesse sentido, por que as pessoas procuram informação? Esse questionamento foi trabalhado por Le Coadic (2004) quando o autor trata sobre a necessidade de informação no livro “A ciência da informação”. Para o teórico, a busca de informação ocorre por exigência da vida social, pelo desejo de saber mais sobre um assunto e para nos comunicar com as outras pessoas. É necessário destacar que o autor enquadra a necessidade de informação como uma necessidade derivada, ou seja, que existe em razão de outra necessidade fundamental, como dormir, comer e – por que não? – criar.

No “Dicionário do livro”, Faria e Pericão (2008, p. 342-343) definem fonte de informação como

Documento original, crônica, testemunho, etc. a partir do qual são tratados os elementos para determinados estudos e investigações. Lugar onde pode localizar-se informação que pretende consultar-se. As fontes de informação podem ser constituídas por material datilografado, impresso ou audiovisual, bases de dados informatizadas, registros bibliográficos de bibliotecas, instituições e pessoas dentro e fora da biblioteca.

Essa é uma definição abrangente por incluir documentos não bibliográficos e contemplar pessoas como fontes de informação. No entanto, para Campos e Curry (1997), conceber as fontes de informação como a origem, ou seja, o ponto primeiro (ponto primacial) é uma interpretação

possível – e é a mais geral –, contudo, não é a única, pois uma fonte de informação pode também significar ponto em relação (ponto relacional), o que demonstra que é possível apreender informações que representam determinado conhecimento a partir de diversas fontes, e não de uma única fonte isolada.

Além disso, é controverso crer que as fontes de informação alterariam as pessoas que tiveram contato e que se beneficiaram cognitivamente delas sem que as próprias fontes fossem de algum modo modificadas por essas pessoas. A bem de um exemplo, o próprio uso de um livro, determinação básica de acordo com a primeira Lei da Biblioteconomia⁴, altera a condição física do objeto. Assim, o ponto é que

[...] as fontes e os objetos no regime da investigação e da pesquisa, manteriam uma relação de interdependência: elas fariam circular explicações que emanariam de si, deslocando os significados dos objetos, e explicações que emanariam dos objetos, alterando ou mantendo os significados que as fontes apresentam (Campos; Curry, 1997, p. 4).

Para Campello, Caldeira e Macedo (1998) é necessário analisar as fontes de informação quanto à sua dimensão geral ou especializada, sendo que a dimensão geral diz respeito às fontes que abarcam assuntos variados e não possuem um público específico, enquanto que as fontes de informação especializadas, por sua vez, são aquelas direcionadas para uma área do conhecimento com público segmentado.

Além disso, as fontes de informação são categorizadas como formais e informais (Cunha, 2016). Nesta concepção, o que define essa categorização é o canal de comunicação por onde a fonte de informação circula. Dessa forma, fontes de informação formais costumam ser utilizadas para atestar o conhecimento já registrado e, por essa razão, livros e artigos de periódicos científicos são comumente utilizados por pesquisadores no fluxo da informação científica.

Por sua vez, as fontes informais circulam por canais informais e abarcam mensagens enviadas e/ou recebidas por meios eletrônicos, informações pessoais, relatórios de pesquisa, anais de simpósios etc. (Mueller, 2007). Ainda de acordo com Muller (2007), pode-se notar que, do ponto de vista da natureza científica dos objetos informacionais, as fontes informais possuem menor alcance e uso, ora por não estarem registradas e organizadas, ora porque são de

⁴ Existem cinco Leis da Biblioteconomia estabelecidas pelo bibliotecário e matemático Ranganathan em 1931 na seguinte ordem: 1ª Lei: Os livros são para usar; 2ª Lei: A cada leitor seu livro; 3ª Lei: A cada livro seu leitor; 4ª Lei: Poupe o tempo do leitor; 5ª Lei: A Biblioteca é um organismo em crescimento (Ranganathan, 2009).

recuperação difícil, quando comparadas com as fontes de informação formais. Entre as formais e informais, há as fontes de informação semiformais que se caracterizam por transitarem em canais tanto formais quanto informais, abrangendo relatórios técnico-científicos em vias de publicação, catálogos de fornecedores, dentre outras.

Grogan (1970, p. 14-15) estabeleceu um arranjo que classifica fontes de informação formais em fontes primárias, secundárias e terciárias. A seguir, no Quadro 1, busca-se evidenciar as diferenças entre as 3 categorias, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Classificação das fontes formais

FONTES FORMAIS		
Fontes primárias	Fontes secundárias	Fontes terciárias
Novas informações ou novas interpretações de ideias e/ou fatos acontecidos. Alguns podem ter o aspecto de registro de observações (por exemplo, os relatórios de expedições científicas) ou podem ser descritivos (como a literatura comercial).	Contêm informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo. São, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o/a leitor/a para eles.	Ajudam o/a leitor/a na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo, ou seja, são sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual.

Fonte: Adaptado de Grogan (1970, p. 14-15).

Percebe-se que, no contexto científico, há uma forte tendência para que as fontes de informação sejam encaradas como sinônimo de documentos – bibliográficos ou não (Cunha, 2016; Muller, 2007). Contudo, mesmo reconhecendo o valor e precisão dessas definições que encaram documentos e fontes de informação com similaridade, é necessário reconhecer seus limites, pois para Campos e Curry (1997, p. 7), “[...] as fontes de informação não se limitam a documentos, sobretudo os impressos, como habitualmente se pensa já que se vive numa sociedade grafocêntrica, sob a hegemonia da palavra escrita.”

As organizações, por seu estreito laço com a produção e divulgação de informação, também se enquadram como fontes de informação cujo acesso pode ocorrer por meio dos colaboradores ou dos documentos produzidos (Campello, 2007). A autora identifica os tipos de organização que são fontes de informação e justifica ao afirmar que são entidades constituídas por pessoas que norteiam suas atividades em torno de objetivos alinhados e, direta ou indiretamente, atendem às necessidades informacionais de outros sujeitos e cumprem, portanto, o papel de fonte de informação.

Quanto a isso, é oportuno salientar que espaços institucionais de informação como as bibliotecas só adquirem no Brasil o *status* de fontes de informação a partir da inauguração dos serviços de referência na década de 1940 (Cunha, 2020), um marco histórico relativamente recente quando se considera que a Biblioteconomia é uma área do conhecimento cuja organização técnica começou no século XIX (Ortega, 2004).

A partir disso, as discussões sobre as fontes de informação se ampliaram, em parte motivadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ao ponto em que é necessário debruçar-se sobre as fontes de informação demandadas e produzidas em outras áreas do conhecimento como a Moda, cuja mola propulsora é a informação (Lipovetsky, 2012).

2.1 FONTES AFETIVAS PARA INFORMAÇÃO: MÉMORIA E REPRESENTATIVIDADE

Fontes de informação exercem uma influência prática na vida social, pois acionam não apenas a racionalidade, mas também – e em destaque – a afetividade, a memória e os sentidos das pessoas. Essa ideia corresponde à motivação de Morigi e Bonotto (2004) ao cunhar o termo "fontes de informação afetivas" para tratar sobre a música tradicional gaúcha, que remete às imagens mentais e vivências das pessoas estimulando o afeto e o senso de representatividade.

Enquanto conceito, a informação não é voltada apenas para a comunidade científica e a apresentação textual formalmente utilizada é uma dentre muitas possibilidades, o que justifica que outras dimensões sejam consideradas. Isto é, as conversas do dia a dia, as imagens, os filmes, as músicas, as obras de arte, as comidas e mesmo os cheiros ao nosso redor, são tipos de fontes de informação que se avolumam às nossas referências de vida e se transmutam em roupas e acessórios. Velloso (2019, p. 87-88) afirma que “[...] o cheiro nos prefacia e antecede, seja ao gozo do encontro com o prazer ou com o anúncio do que nos pode repelir”.

Com isso, nota-se que o cheiro, uma sensação produzida pela atividade saudável produzida no órgão olfativo, pode ser caracterizada como uma fonte informacional, pois sobre um viés pragmático certas sensações operam de forma decisiva na vida, servindo para identificar se um alimento está apropriado para o consumo, tendo efeito sobre a atração entre as pessoas, ou ainda funcionando como ponto de partida para a construção de uma problemática científica ou para a criação/curadoria de instalações de arte baseadas no sensitivo. O que ocorre devido ao fato de que, para Ackerman (1992):

Os cheiros evocam memórias, mas também nos despertam os sentidos adormecidos, mimam-nos e favorecem-nos, ajudam a criar a nossa imagem, atizam o nosso caldeirão de encantos, avisam-nos do perigo, levam-nos à tentação, ativam o nosso fervor religioso, acompanham-nos ao céu, aliam-nos à moda, mergulham-nos no luxo (Ackerman, 1992, p. 28).

Diante disso, pode-se citar como exemplo o ofício das baianas, reconhecido em 2005 como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) devido ao fato de que as comidas votivas e típicas são fontes de informação afetivas que representam a racionalidade do saber fazer e a emoção de manter um saber ancestral. Aqueles que comem partilham esse saber, uma vez que “[...]o alimento é um fixador psicológico no plano emocional. Comer certos pratos é ligar-se ao local do produto.” (Casculo, 1967, p. 43). Nesse sentido, a comida é uma fonte de informação afetiva que informa sobre a memória e os hábitos alimentares de um povo.

Mais do que o mundo privado, acessado apenas com autorização é nas ruas que as pessoas circulam com suas roupas, adereços, cabelos, maquiagens e tatuagens e essa dinâmica é inspiradora, posto que humana. Na rua os corpos e mentes ficam expostos aos efeitos provocados pela aparência, o que estimula criadores de Moda, ainda que involuntariamente, porque, segundo Motta (2013, p. 72), apesar da rua não ser uma fonte de informação especializada em Moda, é a principal referência de seus criadores superando as revistas comerciais, enquanto fontes de informação registrada.

A fim de abordar sobre a importância da afetividade, a escritora bell hooks⁵ (2019), relata que herdou uma colcha de retalhos feita por sua avó, a Senhora Sarah Hooks Oldham, que é um objeto que carrega informações sobre a memória da família e sobre o afeto que ela nutre pela avó. Aqueles que não conhecem a história dessa colcha de retalhos podem pensar que é apenas um objeto cuja função é esquentar o corpo em dias frios e decorar o ambiente, mas, como nos diz a autora, para sua avó cada colcha feita ao longo dos anos não era um objeto aleatório, pois possuía “[...] uma história que começava no momento em que ela tinha a ideia de fazer uma peça específica. A história estava enraizada na trajetória da colcha, no motivo pela qual fora feita, no porquê de um padrão específico ter sido escolhido” (hooks, 2019, p.240).

Para hooks – acredita-se – e para esta discussão, a colcha de retalhos é, portanto, uma fonte de informação afetiva que representa o quanto mulheres negras criativas não são um ponto fora da curva e que o processo criativo ancestral realizado por sua avó a define como uma intelectual, posto

⁵ Seguiu-se aqui neste texto o desejo da escritora Gloria Jean Watkins de que seu pseudônimo, escolhido para homenagear sua avó materna, não se sobrepujasse às suas obras, reivindicando sua escrita - bell hooks - em minúsculo. O respeito a esta solicitação explica o emprego ao longo do texto e nas referências.

que intelectual não são apenas aqueles que portam livros e revistas científicas – fontes de informação formais –, mas, para hooks (2020, p. 279), “[...] são pessoas com a mente radicalmente abertas”.

Em razão disso, percebe-se que para materializar roupas é importante manter a mente aberta às diversas fontes de informação possíveis, não devendo existir hierarquia entre as fontes formais e subjetivas, o que revela, portanto, a necessidade de não engessar o olhar acerca das fontes de informação. Nesse sentido, a “abertura de mente” pode ocorrer tanto por meio das fontes de informação formais quanto através das subjetivas. Em ambos os casos, é o uso que reveste as fontes de informação de sentido e pode provocar expansão intelectual para fazeres mentais e manuais nos processos criativos.

Ao abordar os processos criativos, o ponto de partida é a intuição, que por ser um chamado interno para a espontaneidade é um ato cognitivo, que incorpora estrutura quando associado ao intelecto (Ostrower, 1994). No âmbito da Moda, esta não está limitada a espontaneidade representada nas roupas. Entende-se que é uma linguagem entre gerações, etnias, raças, ou seja, um objeto informacional que denota em sua evolução as transformações e necessidades da sociedade. Moda está além do vestir, posto que indica um conjunto de características específicas à natureza humana, à medida em que, por exemplo, os cabelos podem ser associados à identidade racial (Gomes, 2020). Portanto, as roupas são informativas, no entender de Baldini (2006), sabido que estabelecem comunicação dotada de emissor(a) – quem veste a mensagem – e receptor(a) – quem tenta decodificar o que vê.

Nesse sentido, é essa vontade de alterar o campo da aparência física e materializar as imagens referenciais (Ostrower, 1994), que faz com que criadores de Moda, isto é, estilistas, costureiras e alfaiates, façam uso dos objetos que os cercam para criar roupas cuja matéria-prima principal – normalmente o tecido – é em si informativa, mas além disso é afetiva.

Especialmente quando os criadores são convocados a confeccionar peças que sustentam conceitos, como ocorre no Teatro e em desfiles, já que, para Viana e Muniz (2008), as roupas são suportes informativos e emocionais, como ilustra a solicitação do ator George Bigot, que “[...] pedia que sua vestimenta fosse executada com tecidos antigos, porque isso o ajuda a criar suas personagens. Há uma energia impressa nela que o transforma em um grande suporte para a atuação do ator [...]” (Viana; Muniz, 2008, p. 28). Diante disso, percebe-se que a confecção das roupas pode ser afetada por fatores materiais e subjetivos.

3 COSTURA METODOLÓGICA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO NA MODA AFRO

Para fundamentar as argumentações explícitas nas seções anteriores em uma perspectiva aplicada, que apresentasse elementos empíricos para esta discussão, buscou-se neste trabalho evidenciar quais fontes de informação inspiraram os processos criativos dos criadores que participaram das três últimas edições do Afro *Fashion Day* (AFD), em Salvador, Bahia, entre as edições de 2019 e 2021.

A pesquisa se caracteriza como estudo de caso, e utilizou a observação assistemática, ou não estruturada, como técnica para coleta de dados, pois, de forma livre, buscou-se coletar e registrar fatos da realidade do contexto do evento Afro *Fashion Day*, sobretudo em fontes de informação sobre o evento, tais como páginas da *Web*, jornais e *sites* de redes sociais. Além disso, foi adotada a observação direta intensiva, a qual se realizou por meio de entrevista⁶ do tipo semiestruturada, com roteiro baseado na literatura sobre fontes de informação, Moda, processo criativo, e na observação e experiências das autorias desta pesquisa sobre o objeto de estudo. No Quadro 2, apresenta-se o vocabulário conceitual sobre as tipologias de fontes de informação identificados à luz da literatura especializada.

Quadro 2 – Vocabulário controlado de tipologias de fonte de informação na literatura científica

VOCABULÁRIO	REFERÊNCIA
Fonte de informação formal	(CUNHA, 2016)
Fonte de informação informal	(CUNHA, 2016)
Fonte de informação afetiva	(MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 148)
Fonte de informação geral	(CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998)
Fonte de informação especializada	(CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998)
Fonte de informação evento	(CAMPELLO, 2007, p. 55-71)
Fonte de informação organização	(CAMPELLO, 2007, p. 34-48)

Fonte: Elaborado pelas autorias.

Para o tratamento dos dados coletados nas transcrições das entrevistas, com o auxílio dos *softwares Voicemeeter e Dictation.io*, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, desenvolvendo uma codificação e categorização a partir dos elementos compreendidos no

⁶ Foram entrevistados 12 (doze) criadores, entre fevereiro e abril de 2022. Com livre consentimentos das pessoas entrevistadas, optou-se, ainda, por apresentar a identificação dos criadores neste trabalho, no sentido de que ao fazê-lo, ressalta-se que essas mentes e corpos criativos possuem rostos e nomes que precisam de mais destaque na sociedade, dado o racismo estrutural que aparta a imagem desses sujeitos do lugar de poder de criadores, que, com muita resistência e orgulho, ocupam.

referencial teórico como fontes de informação e fatores determinantes nos processos criativos nas narrativas dos participantes. Trata-se, no caso desta pesquisa, de uma codificação dedutiva a partir da literatura científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação, para arrolar os códigos sobre fontes de informação e da Moda quanto aos fatores determinantes nos processos criativos, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Vocabulário de fatores determinantes nos processos criativos

VOCABULÁRIO	REFERÊNCIA
Fator Afetivo	(OSTROWER, 1994, p. 149)
Fator Ambiente de trabalho	(OLIVEIRA, 2010, p. 84)
Fator Contexto Sociocultural	(OLIVEIRA, 2010, p. 88)
Fator Educação	(OLIVEIRA, 2010, p. 86)
Fator Família	(OLIVEIRA, 2010, p. 84)
Fator Gênero	(LIMA, 2021)
Fator Material	OSTROWER (1994, p. 149)

Fonte: Elaborado pelas autorias.

É importante ressaltar que, no contexto específico abordado neste artigo, a busca por fontes de informação é considerada uma necessidade derivada (Le Coadic, 2004) dos processos criativos, cujo objetivo direto é a materialização de roupas e adereços que comunicam o conceito pensado e concretizado pelos criadores que participam do AFD e suas equipes, a ponto de, ao final dos processos, roupas e adereços se tornarem também fontes de informação.

2.1 A DIMENSÃO AFETIVA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO NA MODA AFRO

Ao relacionar os temas do evento e as características dos participantes, notou-se que a maioria possui uma relação com a cidade de Salvador, ainda que motivada pelo trabalho. Vale observar que os temas do evento atravessam a identidade pessoal dos criadores, assim a fala do produtor do desfile e estilista Fagner Bispo (Figura 1) evidencia que o *Afro Fashion Day* é idealizado para que elementos culturais que representam a negritude e a o Estado da Bahia sejam ressaltados porque:

[...] geralmente a gente pensa o tema sempre algo ligado à cultura negra, né, e sempre fazendo um paralelo com a cultura negra no nosso Estado, a cultura negra na Bahia... porque enfim o Afro é feito aqui, então eu acho legal a gente dar essa reforçada pra nossa cultura. (Fagner Bispo, transcrição de áudio).

Os elementos do Bloco Olodum (Figura 1), uma fonte de informação organizacional (Campello, 2007), criada em 1979 como uma Organização não governamental (Fischer *et al.*, 1993), funcionaram como fontes de informação para os criadores citados, uma vez que as cores das peças não foram aleatórias e partiram da paleta de cores que simboliza o Olodum. É oportuno ressaltar que a relação prévia dos criadores com a Organização foi favorável na medida em que o Bloco Afro não é alheio à realidade deles.

Figura 1 – Criadores Céu Rocha e Junior Rocha da marca Meninos Rei, ladeados por suas criações para o AFD 2019



Fonte: Céu Rocha e Junior Rocha (2022).

Além da organização propriamente dita, isto é, o Olodum, outra fonte de informação, cuja associação é direta, foi destacada nesse processo criativo, no caso o tambor, que segundo o estilista Junior Rocha, é um

[...] canal de comunicação com a nossa ancestralidade, até no próprio Candomblé, que é a nossa religião, a gente sabe que os tambores, que os atabaques são elementos sagrados, né? São os que fazem a comunicação com o Orixá e é através daquele toque que o Orixá enterra, né? Então a gente se inspirou no toque mesmo dos tambores, na música do Olodum, então isso foi o fio condutor pra gente criar essas peças. Então foram peças que têm assimetria, os recortes também muito inspirados nesses movimentos que o próprio músico faz enquanto toca, né? Quando ele exhibe o seu tambor, então foi isso que inspirou a gente pra criar esses looks nesse ano que eles homenagearam os Blocos Afros. (Junior Rocha, transcrição de áudio).⁷

Nota-se que o instrumento tambor aqui é compreendido como uma fonte de informação, percebida tanto visualmente quanto sonoramente por produzir sons carregados de sentido,

⁷ Entrevista remota, através do *Google Meet*, realizada no dia 15 de abril de 2022.

sobretudo entre os membros do Candomblé, o que o configura como uma fonte de informação afetiva (Morigi; Bonotto, 1994). Nesse sentido, todo o rito religioso e cultural de tocar o tambor foi informativo, posto que a assimetria das peças representa, para os criadores, um corpo e mente não estáticos, ou seja, em fluxo de movimento e dança.

Os processos criativos podem contar com outras fontes de informação subjetivas uma vez que a espiritualidade, a religiosidade e a ancestralidade são convocadas diante de uma empreitada criadora. Dentre esses casos, a fala⁸ da estilista Adriana Meira é simbólica quando afirma que em seus processos criativos cuja assinatura é a costura e colagem sobre superfícies:

[...] eu sou muito grata, eu acho que nada veio de mim, né, eu acho que tudo tem um peso ancestral. Eu acredito muito na espiritualidade, que ela é presente na vida de cada um de nós, mas muita gente não dá atenção ou valor nisso. Eu me emociono porque o que eu faço é só uma extensão daquilo que vem antes (Adriana Meira, transcrição de áudio).

Os espaços físicos também podem ser fontes de informação afetiva, posto que podem ser representativos para a memória coletiva e individual e informam possíveis características daqueles que habitam e circulam. Assim, enfatiza-se o caso da Fazenda Mandacaru, localizada em Brumado, sertão da Bahia, que atualmente pertence à família da estilista. A propriedade data de 1838, período conhecido como Período Regencial no Brasil, mesma época em que surgiram várias revoltas populares em vários pontos do país e que, no contexto do Brasil Colônia, encontrava-se uma senzala nos fundos da Casa grande.

Figura 2 – Estilista Adriana Meira em seu Ateliê na Fazenda Mandacaru



⁸ Concedida em entrevista remota, no *Google Meet*, no dia 12 de abril de 2022.

Fonte: Adriana Meira (2022).

Na Figura 3, observam-se elementos ligados à espiritualidade, religiosidade e ancestralidade destacados como significativos para a estilista durante os processos criativos do AFD de 2019, 2020 e 2021, o que configura o espaço não apenas como uma fonte de informação afetiva, mas memorialística. Esses elementos informativos foram ressaltados em suas criações (Figura 3) que tiveram como subtema o Bloco Ilê Ayê para o AFD de 2019,

Figura 3 – Criações da estilista Adriana Meira para o AFD 2019



Fonte: Adriana Meira (2022).

Concomitante aos outros criadores, verifica-se que a estilista fez uso das cores que representam o Bloco Afro Ilê Ayê, criado em 1974 com um nome que significa “casa de negro” (Moreira, 2013). Neste caso, o tecido do Bloco Ilê Ayê, ofertado pela organização do evento, foi ressignificado, isto é, os símbolos presentes deram lugar a outros mais condizentes com o impulso criativo da estilista em 2019, ainda que mediante ao combinado implícito de se ater a cores específicas: preto, vermelho e amarelo.

Sobre esse processo, Adriana Meira relata:

[...] eu fiz como se o vestido fosse um culto, ela é uma Oxum, ela é uma Iemanjá e ela é uma Iansã também que são as minhas, né, as minhas Yabás [...] a lua é um símbolo feminino muito forte, ela tem uma coroa, umas três coroas aí, e tem um coração na cabeça também que o coração ele é tá... nós somos fonte criadora e a criação ela vem do ventre, ela é cem por cento uterina, ela parte da criação como o seio que gera um filho, mas também pelo feminino ser tão criativo e

reformular ou ressignificar formatos de resolver problemas, de criar no geral, de vir à tona coisas que a intuição ela grita e a gente traz e, claro, a cauda de peixe que é meu signo (risos) (Adriana Meira, transcrição de áudio).

Observa-se que a peça é uma escrita sobre sua criadora. Logo, o vestido é um texto que não necessariamente é compreendido igualmente por todos, pois, para Baldini (2006, p. 134), “[...] cada roupa, assim como cada texto, contém mais informações do que as veiculadas pela estrutura expressiva explícita.” Quanto à seleção das cores, a fonte de informação foi o tecido do Bloco Afro Ilê Ayê; nas formas apresentadas, a criadora se inspirou em sua religiosidade e no seu mapa astral⁹, sendo também uma fonte de informação. É oportuno atentar para a menção ao gênero feminino e sua representação como significativos nesse processo criativo, até na escolha dos orixás representados, já que na peça apontada como masculina a criadora optou por outras divindades.

O fator afetivo (Ostrower, 1994) foi destacado e o tecido original do Ilê Ayê pode ser classificado aqui como uma fonte de informação afetiva, pois serviu como o primeiro passo no processo criativo que possibilitou a elaboração de outro tecido com uma estampa diferenciada, o que vem a ser a ressignificação e não uma apropriação. Tema muito sensível na Moda, pois compreende a cooptação de elementos simbólicos sem o devido crédito e apurada compreensão (William, 2019). E, em busca dessa consciência mais profunda, que é uma necessidade derivada (Le Coadic, 2004), os entrevistados declararam recorrer a diversas tipologias de fontes de informação durante os percursos criativos.

A despeito das inclinações pessoais por fontes de informação formais, conforme apresenta a literatura na área de Biblioteconomia, como livros, dissertações, teses, periódicos ou por fontes mais subjetivas associadas à oralidade e afetividade, as pessoas entrevistadas neste trabalho descreveram a importância de pesquisar durante os processos criativos e não apenas no início. Diante da necessidade de elaborar peças também sobre o Ilê Ayê para o AFD de 2019, o criador Renato Carneiro mencionou que

[...] já frequentava, já saí no Ilê Ayê, gosto muito e por causa desse trabalho que eu fiz lá eu precisei me envolver ainda mais, pesquisar ainda mais, ler algumas pessoas que escreveram nos seus trabalhos de dissertação de mestrado, doutorado falando sobre, e quando eu começar a pesquisa eu contactei algumas pessoas, a professora Ana Célia, que é uma pessoa que pertence ao Ilê Ayê, o irmão dela era um dos diretores, ela também é uma pessoa da velha guarda do Ilê Ayê, ela ficou muito feliz quando ela soube que eu faria esse trabalho e aí ela

⁹ Segundo a Astrologia, mapa astral é um mapa do céu no dia de nascimento que indica aspectos da personalidade.

abriu a biblioteca dela e falou: “dá uma olhada aí, veja o que você encontra”.
(Renato Carneiro, transcrição de áudio).

Vê-se que, mesmo com temas comuns a boa parte das pessoas que circulam por Salvador, e, portanto, dos entrevistados, houve a necessidade de buscar fontes de informação para costurar os conceitos e concretizar as peças. No trecho da entrevista acima, uma fonte de informação organizacional como o Ilê Ayê, fontes de informação chanceladas no contexto acadêmico (biblioteca pessoal, dissertação de mestrado, tese de doutorado) e uma fonte pessoal com relação de proximidade com a referida organização (Professora Ana Célia) integraram a pesquisa do estilista Renato Carneiro que resultou nas peças visualizadas no desfile de 2019 (Figura 4).

Figura 4 – Estilista Renato Carneiro ladeado por suas criações para o AFD 2019



Fonte: Renato Carneiro (2022).

Nenhum dos informantes relatou recorrer às instituições de cultura e informação, tais como bibliotecas, arquivos ou museus, em busca de fontes de informação em seus processos criativos para o AFD, o que pode indicar a necessidade de maior aproximação da Biblioteconomia com os criadores de Moda. Lu Samarato, Adriana Meira, Madalena Silva e Fagner Bispo indicaram que costumam frequentar livrarias e que revistas comerciais de Moda são fontes de informação para se inspirar e, eventualmente, espaço de divulgação dos seus trabalhos. Isto é, são fontes de informação formais retroalimentadas pela Moda.

Percebeu-se que temas mais direcionados, como na edição de 2019, representam um ponto até onde a criatividade pode ir, ou seja, os participantes relataram que não se esqueciam do

cuidado de não se apropriar dos elementos distintivos que cada Bloco Afro possui devido ao respeito prestado a essas instituições.

Vale destacar que inicialmente foi delicado incorporar fontes de informação sobre o Candomblé e a negritude às peças criadas em parte da trajetória profissional do entrevistado. Fanon (2008) e Kilomba (2020) ressaltam o quanto é pesado perceber-se como sujeito violentado socialmente. A ponto de Fanon (2008, p. 124) afirmar que “[...]é duro investigar sobre a realidade[...]”, especialmente porque toda investigação requer fontes de informação e criar roupas e adereços a despeito do racismo é uma preocupação que criadores brancos não compartilham. Ainda assim, em um ato de resistência, Lu Samarato sente uma motivação interna de expor em suas peças o contato com fontes de informação mais próximas da sua realidade. Como os croquis e as peças do AFD 2019 ilustram na Figura 5.

Figura 5 – Criações de Lu Samarato para AFD 2019.



Fonte: Lu Samarato (2022).

O tema das criações acima é o Bloco Afro Malê-Debalê que foi criado em 1979 no bairro de Itapuã. No centro da imagem nota-se os croquis e um recorte de tecido que serviram como a fonte de informação mais direta ao longo desse processo criativo. À esquerda, observa-se o *look* masculino que é um conjunto vermelho de camisa e calça com detalhes do tecido do Bloco Afro Malê-Debalê. Quanto a esse tecido, vale observar que há um detalhe na manga que não estava previsto no croqui. Lu Samarato menciona que costuma perceber, ao dialogar com as costureiras, a

necessidade de fazer ajustes eventuais que visam aperfeiçoar sua ideia original. Assim, evidencia-se que as costureiras são fontes de informação à medida que a imagem referencial (Ostrower, 1994) de um objeto vestível é materializada.

O segundo *look*, à direita da figura 11, é um vestido vermelho que também possui detalhes com o tecido do Bloco Malê-Debalê. Lu Samarato descreve sua peça como

*[...] um vestido extremamente étnico porque a gente tava falando de um Bloco étnico, então a roupa era com um tecido do Malê e um grande tecido esvoaçante vermelho. Então assim eu acho que eu acabei conseguindo mesclar a história e tradição do Bloco **sem mexer com a estrutura principal da estamparia deles** e na modelagem em si trazer um ar mais sofisticado... deixa essa peça um vestido meio blazer com as costas vazadas e era um tecido que esvoaçava atrás, uma cauda enorme* (Lu Samarato, transcrição de áudio, grifo nosso).

Vale destacar o apuro de honrar em seu processo criativo o tecido que, no caso, é uma fonte de informação afetiva para o Bloco Afro Malê-Debalê por trazer na estampa símbolos que narram a história do Bloco. Essa sensibilidade é tanto uma motivação interna quanto uma solicitação do contexto socio-cultural do *Afro Fashion Day* (AFD) em 2019.

A propensão para o uso de fontes de informação subjetivas pode ser justificada pelo fazer manual/mental que demanda constantemente a sensorialidade dos criadores, pois tecidos e aviamentos são sentidos pelas mãos; as roupas ficam assentadas sobre a pele dos modelos, são vistas por eles e pelo público. Assim, percebe-se que as fontes de informação subjetivas estão mais vinculadas à materialidade do corpo e que, para a cosmovisão africana acolhida como missão pelo AFD, é sagrado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA O ARREIMATE E ALINHAVES FUTUROS

Há uma costura entre diversos fatores e fontes de informação nos processos criativos que envolvem afetividade. No contexto da Moda, especialmente a Moda Afro, viu-se que as fontes de informação formais são utilizadas, no entanto há predomínio do uso de fontes de informação subjetivas que provocam a afetividade, a memória e os sentidos. Logo, espera-se que essa discussão, já aberta por Morigi e Bonotto (2004), aqui associada à Moda, continue.

Destaca-se que as fontes de informação são utilizadas majoritariamente como necessidades derivadas do processo criativo. Com isso, a criatividade é estimulada pelo contato com fontes de informação diversas. Além disso, o contato com fontes de informação sensoriais convoca a pausa mental e manual para desfrutar o momento, o que potencializa a capacidade criativa.

Quanto aos fatores, caracterizou-se, em destaque, os fatores motivação interna, raça, família, educação, contexto sociocultural e gênero como determinantes durante os processos de criação. Analisados em conjunto, os elementos que configuram tais fontes de informação apontam para a possibilidade de maior aproximação entre a Biblioteconomia e a Moda, sobretudo com os criadores que participam do *Afro Fashion Day* (AFD). Roupas e adereços expostos nos desfiles do recorte temporal da pesquisa são vivências em construção, ou seja, tanto para os criadores como para os espectadores não estão encerradas.

Limita-se aqui, neste artigo, a totalidade do conjunto rico de dados, composto por discursos e imagens, os quais possuem infinitas análises e diversas possibilidades de discussão no contexto que provoca a inclusão de outras dimensões associadas às fontes de informação. Além do protagonismo dos criadores de Moda como recorte para esta publicação, há ainda as fontes de informação utilizadas por outros agentes criativos na vida profissional durante o evento, como maquiadores, modelos, músicos e cenógrafos, ampliando a abrangência da costura entre fontes de informação e processos criativos.

A partir deste estudo, acredita-se que uma análise sobre os consumidores da Moda, possibilite compreender como são percebidas as fontes de informação que interagem no momento de um desfile, por exemplo. Conclui-se, portanto, que as fontes de informação utilizadas nos processos criativos não seguem uma lógica primacial, ou seja, fontes diversas se entrelaçam para inspirar as mentes e corpos dos criadores e de suas equipes e a busca de fontes de informação não é descolada do prazer pessoal e profissional. E, nesta perspectiva, abre-se caminhos para novas formas de organização da informação e disseminação de fontes de informação, de natureza subjetiva, em espaços que ressaltam o saber mental e manual da população negra.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amalia Amarante. **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Organizações como fonte de informação. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CAMPOS, Edson Nascimento; CURY, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. **Revista Faculdade Educação**, v. 23, n. 1-2, jan. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100016>. Acesso em: 3 mar. 2023.

CASCUDO, Luis da Camara. **História da alimentação no Brasil**: cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/370>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renata da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Senac, 2010.

GROGAN, Denis. **Science and technology: an introduction to the literature**. Connecticut [EUA]: Archon Books & Clive Bingley, 1970.

hooks, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE COADIC, Y.F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. Entrevista concedida a Tarcísio D'Almeida. *In*: **Moda em diálogos**: entrevistas com pensadores. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2012.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha Eddy Krummenauer Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004.

MOTTA, Eduardo. **O lugar maldito da aparência**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.5, n. 3, p. 1-16, out. 2004.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamritam. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

VELLOSO, Isabela Monken. Design olfativo e brasilidade: os encantos da experiência. In: BELCHIOR, Camilo *et al.* **iDea Desing: fora do eixo**. Belo Horizonte: Editora PlexuDesign, 2019.

VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. Figurino: a emoção nas roupas. **dObra[s]**, v. 2, n. 2, p. 26- 29, 2008. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/371>. Acesso em: 23 nov. 2022.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.

The subjective dimension of information sources in Afro Fashion: determining factors in the creative processes of Afro Fashion Day – Salvador/Bahia

Abstract: This article discusses the categorizations of information sources in scientific literature, and their relationship with blackness and Fashion, analyzing creativity and the duality of intellectual and manual work, considering the notion of subjective information sources. Part of the problem is which information sources are used by Afro fashion creators. It aims to highlight the sources of information that influenced the creative process of fashion designers who participated in the last three editions of Afro Fashion Day, between 2019 and 2021, in Salvador-Bahia. This is a case study, with a qualitative approach, and data collection and analysis were carried out through direct observation and content analysis, and the instrument used was the semi-structured interview. The results indicated that the sources of information used in creative processes do not follow a specific logic, but rather a combination of different sources to inspire creators and their teams. The search for these sources is related to both the personal and professional pleasure of those involved. The African worldview considers the material elements of the body, such as fabrics and trimmings, to be sacred, which may justify the propensity to use subjective sources of information. It is concluded, therefore, that these sources are linked to the sensoriality of the creators, who constantly interact with these materials through manual/mental making. In this way, it was possible to perceive the connection between subjective sources of information and the materiality of the body.

Keywords: information sources; fashion; Afro-Brazilian culture; creative process; Afro Fashion Day.